



Reforço à preservação

Com apoio do BNDES, projeto dotará Fiocruz de infraestrutura moderna para preservar acervos constituídos em 115 anos de história

A Biblioteca de Obras Raras da Fundação foi palco da assinatura de um contrato que representa um grande passo para a preservação e difusão dos acervos culturais e científicos da instituição, com o lançamento do projeto Preservo: Complexo de Acervos da Fiocruz. A iniciativa, uma parceria com o BNDES, permitirá construir infraestrutura moderna e obter tecnologias mais avançadas para a guarda e o acesso público ao extenso patrimônio da instituição. O lançamento marcou a liberação de R\$ 2,7 milhões (54% do total) pelo BNDES. Outros 46% serão divididos em duas parcelas, liberadas durante a execução do projeto, cujo prazo estimado é de até 40 meses para sua conclusão. O projeto é resultado de parceria entre três unidades da Fiocruz: a Casa de Oswaldo Cruz (COC), o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e o Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica em Saúde (Icict). Os recursos serão geridos pela Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec). O evento, ocorrido em dezembro, contou com a participação dos presidentes do BNDES, Luciano Coutinho, e da Fundação, Paulo Gadelha. O Preservo se torna uma realidade no momento em que a Fiocruz, fundada em 25 de maio de 1900, completa 115 anos.

O patrimônio da Fiocruz – que completará 115 anos em 25 de maio – contemplado pelo projeto inclui os acervos arquivístico (documentos textuais, iconográficos, cartográficos, micrográficos,

sonoros, filmográficos e tridimensionais); arquitetônico (o núcleo histórico de Mangueiros, que inclui o Castelo da Fiocruz); bibliográfico (livros, periódicos científicos, folhetos, dissertações e teses); biológico (coleções biológicas); e museológico (equipamentos de laboratório, instrumentos médicos, mobiliário, indumentária e uma pinacoteca). Bens culturais, reconhecidos por agências públicas e pela sociedade, os acervos entrarão a partir de agora em nova fase – com marca na integração – assegurando o legado de Oswaldo Cruz às futuras gerações.

“A questão da memória e da preservação dos acervos é constitutiva do projeto de desenvolvimento institucional da Fiocruz e o BNDES está nos dando grande ajuda nesse sentido”, declarou Gadelha na cerimônia. Os recursos concedidos serão utilizados para a construção de infraestrutura e a aquisição de tecnologias que garantam a guarda e o acesso público ao patrimônio da instituição. Coutinho também destacou a importância do projeto para a preservação dos acervos da Fiocruz e para a construção de novos saberes. “Preservar a memória é uma das missões mais nobres para o avanço do conhecimento. A ciência não avança sem aprendizado, e aprendizado não se faz sem memória”, afirmou o presidente do BNDES. “A conexão entre essas memórias [da Fiocruz] produz uma agenda museológica de alta qualidade. Essa instituição tem a capacidade de compartilhar isso com a sociedade”, complementou.

Coordenador-geral do Preservo, o

vice-diretor de Informação e Patrimônio Cultural da COC, Marcos José de Araujo Pinheiro, apresentou detalhes sobre o projeto, que prevê a digitalização de parte do acervo e a criação de catálogos virtuais que serão disponibilizados para a comunidade científica e a sociedade, entre outras iniciativas. Em sua apresentação destaca que o Preservo está integrado às iniciativas e aos planos nacionais que visam preservar o patrimônio científico e cultural brasileiro, reconhecendo sua importância não só por seus valores históricos, artísticos ou relativos à memória, mas também por seu valor como fontes de pesquisa para as ciências. “O Preservo tomou como referência as iniciativas e planos nacionais que visam preservar o patrimônio científico e cultural, preocupados não só com seus valores históricos, artísticos ou identitários, mas principalmente, para as instituições de pesquisa e para a produção do conhecimento, com seu valor cognitivo”, disse Pinheiro.

Descrição dos acervos

Arquitetônico, urbanístico e arqueológico: Núcleo Arquitetônico Histórico de Mangueiros, tombado pelo Iphan; prédios modernistas tombados pelo Inepac; Palácio Itaboraí, tombado pelo Iphan; sítio arqueológico de Mangueiros, inscrito no Cadastro Nacional de Sítios Históricos; canaletas do aqueduto do Núcleo Arquitetônico Rodrigues Caldas (Fiocruz Mata Atlântica/Colônia Juliano Moreira), tombado pelo Iphan.

Bibliográfico: seção de Obras Ra-

ras da Biblioteca de Ciências Biomédicas (do século 17 ao 19); biblioteca de história das ciências e da saúde, especializada em história da medicina, história da saúde pública, história, sociologia e filosofia da ciência (do século 17 aos dias atuais); rede composta por 14 bibliotecas especializadas.

Biológico: são 30 coleções biológicas reconhecidas pela Câmara Técnica de Coleções Biológicas, constituídas desde 1901, com milhões de amostras microbiológicas, zoológicas e histopatológicas, de grande valor para a biodiversidade nacional. Destas, 19 coleções são credenciadas como Fiel Depositária. Há também a Coleção de Paleoparasitologia.

Museológico: constituído por equipamentos e instrumentos de laboratório, materiais e maquinário utilizados na produção de medicamentos e vacinas, instrumentos médicos, mobiliário, indumentárias e objetos pessoais de cientistas da instituição e uma pinacoteca. Composto por mais de 2 mil peças, está localizado na Reserva Técnica Museológica do Museu da Vida.

Arquivístico: arquivo permanente da Fiocruz e arquivos pessoais de cientistas e sanitaristas composto por documentos textuais, iconográficos, cartográficos, micrográficos, sonoros, filmográficos e tridimensionais abrangendo o período de 1803 aos dias atuais. Destaque para os arquivos dos cientistas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, e os negativos de vidro do Fundo IOC, reconhecidos como patrimônio documental da Humanidade pelo Programa Memória do Mundo da Unesco.

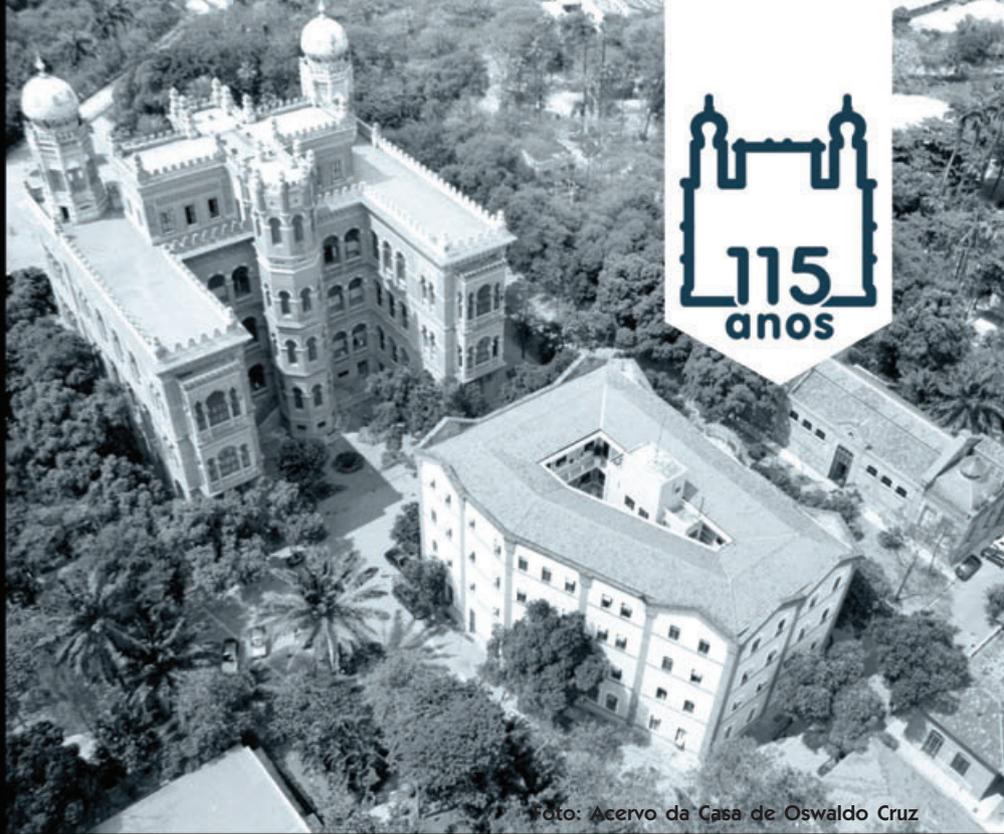


Foto: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz



Fotos: Peter Illiciev/CCS





foto: Peter Illiciev/CCS

Coordenador detalha como é o projeto que permitirá uma maior e melhor difusão dos documentos, edificações e conteúdos históricos da Fiocruz

Acervos dinâmicos e organizados

Jacqueline Boechat

Poucas instituições no mundo se diferenciam por ter e conservar com equipes próprias um acervo expressivo nas tipologias arquitetônico e urbanístico, arquivístico, bibliográfico, biológico e museológico reconhecido nacional e internacionalmente. Portanto, é estratégico integrar esses bens culturais e os sistemas de informação a respeito deles, não só para conservar esse legado, como para otimizar e ampliar as possibilidades de pesquisa. O vice-diretor de Informação e Patrimônio Cultural da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), Marcos José de Araújo Pinheiro, coordenador do projeto Preservo, explica e dá detalhes sobre a iniciativa desenvolvida para suprir essa necessidade.

Por que um projeto como o Preservo? A Fiocruz já não preservava seus acervos?

Marcos José de Araújo Pinheiro: Há pelos menos duas razões que tornam complexas atualmente a conservação preventiva e a recuperação integrada de informações sobre os acervos da Fiocruz: o fato de terem sido constituídos e armazenados em separado, por cada unidade, com culturas próprias e de preservação e acessibilidade, e por haver sistemas de informação distintos, que não dialogam, para cada tipologia de acervo. Por exemplo, como cruzar os arquivos bibliográficos com os arquivos histopatológicos *in situ* sobre febre amarela, se as duas coleções estão em lugares distintos, com procedimentos de armazenamento e de acesso diferenciados? Pensar, de modo integrado, seus acervos e sistemas de informação, é estratégico para uma instituição como a Fiocruz. O Preservo foi desenvolvido para suprir também essa demanda.

Quais são os principais pontos do projeto?

Pinheiro: O Preservo é composto por quatro dimensões. Em primeiro lugar, existem princípios norteadores que balizam todo o processo, que regem a forma de como o acervo deve ser preservado, de como se dará o acesso, há a questão de ensino, da pesquisa, da ges-

tão de riscos. Em seguida, vem o estabelecimento de políticas. Uma mais geral e outras específicas, para cada tipo de acervo. A terceira dimensão trata da preservação e do acesso físico. Independentemente de estarem em prédios históricos – que também se constituem como acervos históricos – toda uma estrutura tem que ser pensada e orientada para isso. Por fim, temos a preservação e o acesso digital à informação, para o qual é necessário estabelecer padrões de captura e do que hoje se denomina como preservação digital, em sistemas integrados que se comuniquem e que permitam uma busca integrada. E também pensar em um futuro repositório temático de obras e de acervos culturais e científicos, que estaria vinculado ao Arca, que é o grande repositório institucional.

Na prática, que ações já começaram a ser desenvolvidas?

Pinheiro: Foram constituídos alguns grupos para trabalhar os princípios norteadores do projeto e a questão da preservação digital e elaborar um manual de procedimentos segundo as características das edificações que abrigam acervos científicos e culturais. Os grupos contam com representantes de várias unidades da Fiocruz e também externos, como por exemplo o Arquivo Nacional. Temos também a construção do Centro de Documentação de História e Saúde (CDHS) e a implantação do Centro de



O coordenador do projeto, Marco José Pinheiro, explica o Preservo na cerimônia de lançamento. Foto: Peter Illiciev/CCS



Recursos Biológicos da Saúde (CRB-Saúde). Previsto para ficar pronto em 2016, o CDHS é um equipamento do Preservo relacionado à questão da infraestrutura de guarda de acervos. O CRB é o complexo da parte de micro-organismos patogênicos relacionados principalmente a doenças tropicais ou com potencial biotecnológico na área da saúde. Além disso, a COC elaborou uma política de preservação que pode servir de modelo para uma política da Fiocruz.

Em que consiste esta política?

Pinheiro: Em 2013, a Casa de Oswaldo Cruz elaborou a Política de Preservação e Difusão de Acervos, que define objetivos, princípios, valores, diretrizes e responsabilidades, e a partir dela a unidade vem desenvolvendo os programas específicos de preservação, que detalham essas ações definindo quando e como devem ocorrer. No último Congresso Interno da Fiocruz, em 2014, foi definida como estratégica a elaboração de uma política análoga para toda a Fiocruz, a ser desenvolvida por um grupo de trabalho que deverá considerar em sua formação as unidades que detêm a guarda de acervos. No entanto, a regulamentação de cada tipo de acervo se dará por meio de documentos específicos. Como exemplo, temos a política que regula os acervos da COC e o manual de coleções biológicas.

No ano passado, a Fiocruz e o BNDES assinaram um contrato de R\$ 5 milhões, que contempla o Preservo. Como os recursos serão utilizados?

Pinheiro: Os recursos do BNDES deflagraram e vão impulsionar as ações

do Preservo. Será possível constituir três plataformas de digitalização para os acervos biológicos, bibliográficos e arquivísticos, inclusive os de grande formato. Além das plataformas, os recursos contemplam a instalação do sistema de combate a incêndio no prédio do Castelo da Fiocruz, que por si só é um acervo histórico, e abriga as coleções entomológicas e de obras raras; na Reserva Técnica Museológica; e nos pavilhões Lauro Travassos, Adolpho Lutz e Cardoso Fontes, que abrigam coleções zoológicas e histopatológicas.

Como funcionarão as plataformas? Por que são tão importantes?

Pinheiro: Apesar de instaladas em unidades diferentes – acervos biológicos no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), arquivísticos na COC e bibliográficos no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict) – esses equipamentos de última geração não são de uso exclusivo de uma unidade em particular, operando com a lógica de plataformas em rede. A parte das coleções biológicas trabalha ainda com a ideia da microscopia digital, quer dizer, o usuário acessa não somente um representante digital, mas é como se estivesse realmente trabalhando com um microscópio digital. As instalações também devem impulsionar o aumento e a melhoria da infraestrutura de TI da Fiocruz, pois o volume de informações terá impacto no fluxo de rede da instituição e de algumas unidades, inclusive na capacidade de armazenamento de dados.

Estamos trabalhando também, na COC, com a parte da interopera-

bilidade dos sistemas de informação a partir de um vocabulário controlado e de ferramentas de busca integrada. A partir de bons resultados, a iniciativa pode ser estendida ou ser referência no tempo aos demais sistemas de acervos da instituição. A parte das coleções biológicas será atendida por um sistema de gestão de informação em desenvolvimento pela Vice-Presidência de Pesquisa e Laboratórios de Referência da Fiocruz. As ações, portanto, não se restringem a um determinado aspecto do projeto, mas se desenvolvem paralelamente em todas as direções.

Quais as expectativas quanto aos resultados?

Pinheiro: Acho que algumas ações vão avançar primeiro, mas estamos trabalhando todas as dimensões de forma integrada. A expectativa é a de que, uma vez que a gente disponibilize as informações ao público, o acesso deverá crescer exponencialmente, como aconteceu em outras instituições de ensino e pesquisa que fizeram esse tipo de ação. Além disso, o fato de se ter esses acervos digitalizados auxilia na preservação, pois o usuário não precisa ter contato físico com o acervo e concede mais paridade à informação que está sendo disponibilizada, já que permite trabalhar de forma integrada. O pesquisador pode consultar informações sobre o barbeiro, por exemplo, no acervo biológico ligado a Carlos Chagas, assim como a bibliografia sobre o assunto, até o que foi produzido e registrado. Isso amplia muito as possibilidades da pesquisa.

Tesouros arquitetônicos

Ricardo Valverde



Núcleo Arquitetônico e Histórico de Manguinhos (Nahm), formado pelos prédios históricos e tombados da Fiocruz, será um dos grandes beneficiados pelo Preservo e conta com um guardião no empenho e na dedicação em conservá-lo sempre em boas condições de uso e visitação. É o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Fundação, que existe desde 1989 e tem como missão preservar, valorizar e divulgar o patrimônio histórico-arquitetônico, urbanístico, ambiental, artístico e arqueológico da Fiocruz. Segundo a chefe do departamento, a arquiteta Ana Maria Barbedo Marques, a preservação se tornou institucional a partir dos anos de 1980.

“Naquela época os prédios históricos se encontravam em um estado de conservação inadequado. A arquitetura eclética, considerada como um estilo estrangeiro, não era valorizada nas políticas de preservação de então. No entanto, nas gestões dos presidentes Guilardo Alves e Sergio Arouca ocorreram mudanças. Com Guilardo houve uma iniciativa de reconhecimento do valor

artístico e histórico do patrimônio eclético da Fiocruz, com o pedido de tombamento ao Iphan. E na gestão de Arouca houve um esforço por criar uma equipe com capacitação específica para atuar de forma mais contínua na restauração, com destaque para a vinda, em 1987, da arquiteta Cristina Mello para chefiar a Coordenação de Restauração (Coores)”, afirma Ana Maria.

Hoje a situação é bem diferente e o DPH, que é vinculado à Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) tem 29 profissionais dedicados ao trabalho. Entre eles há arquitetos, alguns ainda do início da criação do departamento, engenheiro, restauradores/conservadores, técnico em edificações, historiadora, funcionários de apoio administrativo e bolsistas. “O ideal é conservar, e não restaurar”, afirma a chefe do setor. O departamento tem três áreas: o Serviço de Conservação e Restauração, o Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde e o Núcleo de Educação Patrimonial.

Para o Preservo, são considerados como bens de interesse para preservação, na relação dos acervos archi-

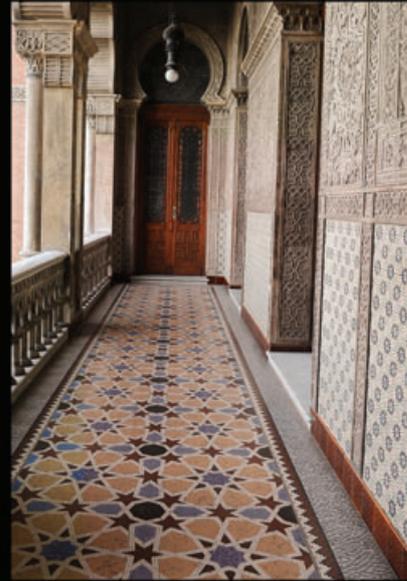
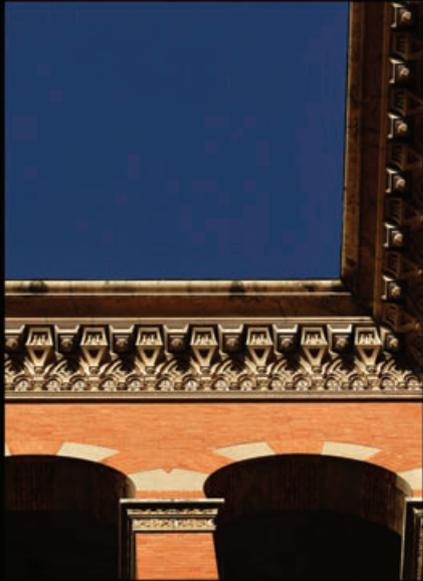


tetônico, urbanístico e arqueológico, os edifícios e espaços mais representativos do processo histórico de ocupação do Campus de Manguinhos, que constituem o Nahm. E também o conjunto arquitetônico do Palácio Itaboraí e as edificações e estruturas singulares localizadas no Campus Fiocruz Mata Atlântica. A seguir, a descrição de alguns desses acervos.



Pavilhão Mourisco

Fotos: Peter Illiciev/CCS



Eclético, o Castelo da Flocruz mescla duas ou mais tendências de estilo e ornamentação, sendo um dos poucos edifícios neomouriscos ainda existentes no Rio de Janeiro. É o principal componente do Nahm.

O projeto foi encomendado a Luiz Moraes Júnior, engenheiro e arquiteto português que imigrou para o Brasil em 1900, por Oswaldo Cruz. Eles

se conheceram em uma das muitas viagens que fizeram juntos nos vagões dos trens do ramal da Leopoldina, quando o arquiteto coordenava obras de reforma da Igreja da Penha. O traço inicial de Oswaldo Cruz serviu de base para o projeto final do arquiteto. O Castelo foi estrategicamente construído sobre uma das colinas da região, por condições de higienização

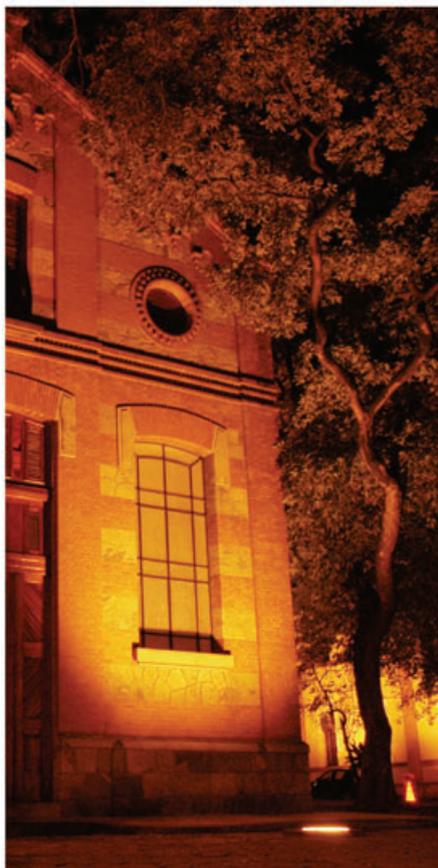
obedeceu a uma disposição que permite melhor aproveitamento dos ventos e do sol.

Sua ornamentação foi inspirada na arquitetura mourisca. Os materiais usados na construção e no acabamento foram importados da Europa, bem como a mão-de obra, constituída de operários portugueses, espanhóis e italianos. As obras foram concluídas em 1918.



Pavilhão do Relógio

O Pavilhão da Peste, também do arquiteto Luiz Moraes Júnior, foi dos primeiros projetos do campus de Mangueiras, construído simultaneamente à Cavalaria, entre 1903 e 1904. Em cimento, tijolos e pedras, é conhecido como Prédio do Relógio porque em sua torre central encontra-se um relógio em funcionamento, com três faces. Abrigava laboratórios para estudos gerais de bacteriologia e protozoologia, relacionados à peste e enfermarias para cavalos e para a preparação da vacina. Contava ainda com salas de espera e de estufas, para a manutenção das culturas.



Cavalaria

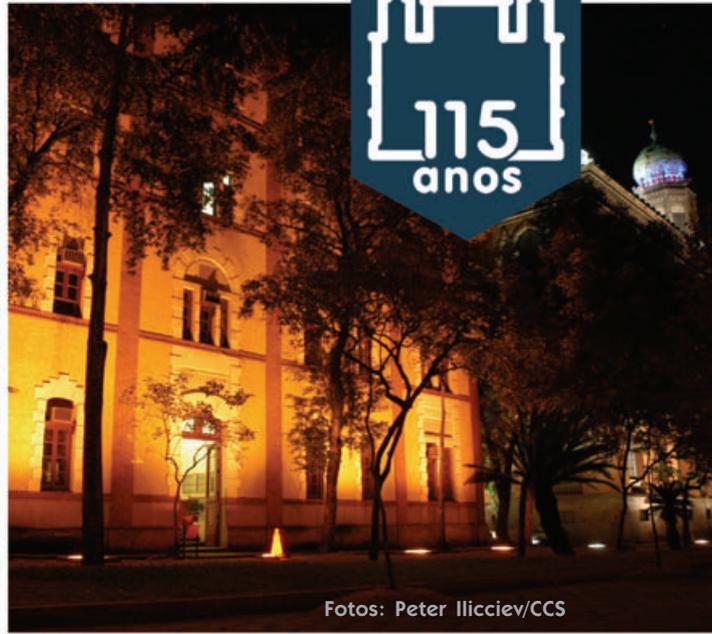
A Cavalaria foi construída em 1904 e destinava-se às inoculações de material virulento em cavalos, visando a obtenção de soros, exceto o antipestoso, preparado exclusivamente no Pavilhão da Peste. A Cavalaria tinha instalações extremamente engenhosas do ponto de vista da assepsia e funcionalidade, como a distribuição e despejo de água automáticos e o aproveitamento das fezes dos animais.

O gás metano, exalado da fermentação, era utilizado para iluminação interna, e a massa sólida do estrume servia para adubar a plantação de alfafa que, por sua vez, servia de alimento para os cavalos, antecipando o que hoje é chamado de "sustentabilidade". O projeto foi encomendado a Luiz Moraes Júnior, que veio ao Brasil a convite do padre Ricardo, vigário-geral da Igreja da Penha, para executar obras de reestruturação e embelezamento das fachadas.

Fotos: Peter Illiciev/CCS

Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos (Quinino)

O projeto original de dois pavimentos deste edifício, de autoria de Luiz Moraes Jr., não interferia na harmonia do conjunto arquitetônico do qual faz parte e cuja construção foi concluída em 1919. O projeto de ampliação deu ao prédio mais dois pavimentos, sendo a obra supervisionada pelo próprio Moraes e desenvolvida por Nabor Foster, arquiteto da equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde. Nessa sobrelevação, em 1943, acrescentou-se uma estrutura de concreto armado para abrigar a escada e o elevador. Os frontões, elementos triangulares da fachada, foram simplificados, e os tijolos foram cobertos por massa de emboço.



Fotos: Peter Illiciev/CCS

Palácio Itaboraí

Localizado em Petrópolis, o Palácio Itaboraí foi construído em 1892 para ser residência de verão do projetista e construtor italiano Antonio Jannuzzi. Abrigou ainda o colégio Americano e a primeira faculdade de direito de Petrópolis. A partir da década de 1930 a edificação passou a ser utilizada como residência de verão dos governadores do Estado e posteriormente por órgãos do Governo do Estado. Em 1998 a Fundação Oswaldo Cruz recebeu o Palácio em cessão de uso. Hoje abriga o Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde.



Campus Mata Atlântica

Localizado em Jacarepaguá, junto ao maciço da Pedra Branca, o campus Fiocruz Mata Atlântica ocupa parte da área anteriormente pertencente à Colônia de Aliados Juliano Moreira. A Colônia foi implantada entre 1919 e 1924 na área da antiga Fazenda do Engenho Novo de Curicica – conhecido inicialmente como Engenho de Nossa Senhora dos Remédios – um dos mais antigos engenhos de cana-de-açúcar da região.

Localizados no campus destacam-se o Pavilhão Agrícola, o Pavilhão Nossa Senhora dos Remédios, as estrebarias e as canaletas do antigo aqueduto. Além de atuar na preservação dessas edificações, a COC colabora com ações de preservação relacionadas ao Núcleo Histórico Rodrigues Caldas.



Das cartas de Oswaldo Cruz a fotos antigas de favelas cariocas, Preservo vai disponibilizar arquivos históricos na web

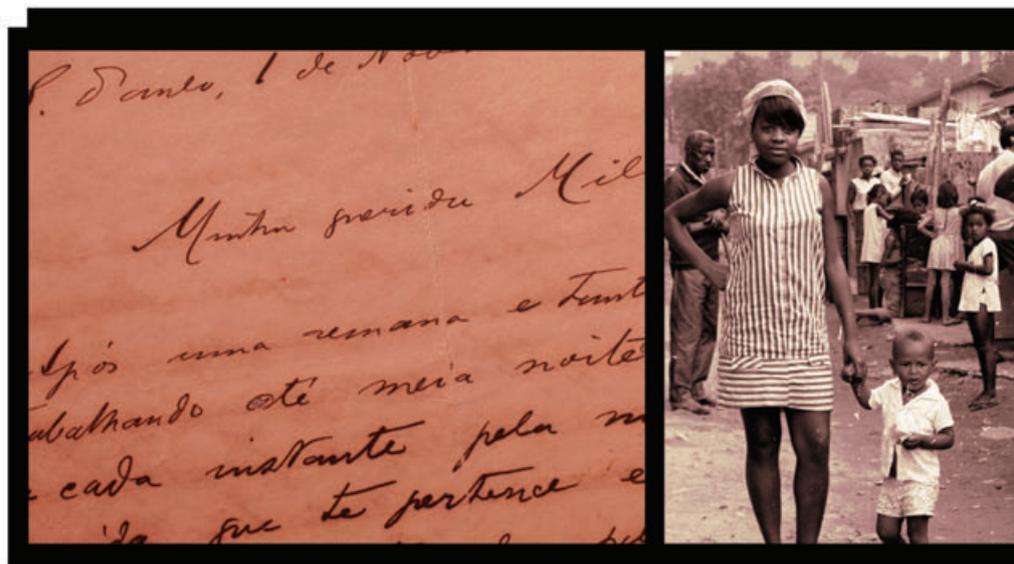
Glauber Gonçalves



ão Paulo, 1º de novembro de 1899. “Minha querida Miloca, após uma semana e tanto de angústias, trabalhando até meia noite, receando a

cada instante pela minha saúde e vida [...], vendo cair vitimados pela peste os companheiros de trabalho e esperando a cada instante a minha vez, eis-me felizmente livre dessas preocupações, são e salvo [...]”. A carta do fim do século 19 em que Oswaldo Cruz relata as agruras pelas quais passou em Santos - cidade onde esteve para combater uma epidemia de peste bubônica - é um dos documentos do rico acervo arquivístico da Fiocruz que estará disponível em qualquer lugar do mundo via internet a partir da implementação do Preservo.

“A documentação institucional da Fiocruz é um acervo muito rico para a memória nacional. A instituição tem participado da história da ciência e da saúde pública no Brasil há mais de um século, em um período de muita mudança, em que houve muitos avanços nas pesquisas biomédicas e na possibilidade de melhorar a qualidade de vida do cidadão”, diz a chefe do Departamento de Arqui-

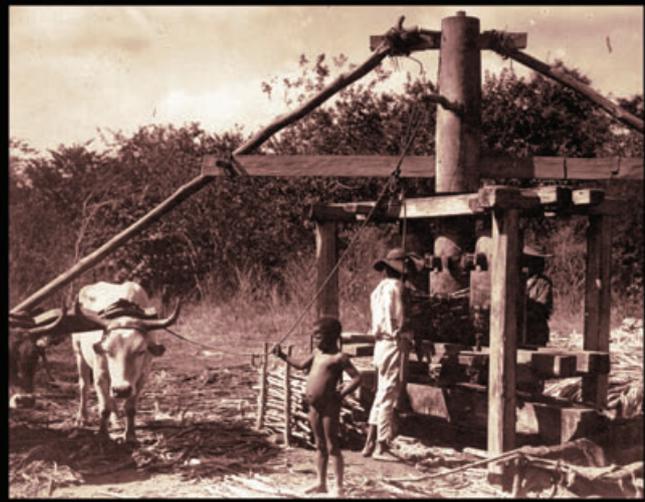


vo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), Maria da Conceição Castro. Parte importante do acervo sob a guarda da instituição vai ser digitalizada com equipamentos que serão adquiridos com recursos do BNDES.

Além de documentos institucionais, a Casa guarda ainda arquivos pessoais de cientistas e profissionais ligados à área da ciência e da saúde, e um acervo iconográfico composto de negativos de vidro e flexíveis e cópias em papel. Também estão na COC pranchas com desenhos técnico-científicos, em grande parte destinadas à ilustração de exem-

plares das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, periódico científico editado pela instituição a partir de 1909, além de charges, caricaturas e álbuns fotográficos.

“A parte de iconografia tem forte apelo e é a mais procurada no acervo. Esse conjunto muito interessante e bem preservado cobre um período de tempo grande, anterior à criação do IOC. A grande joia desse acervo são os negativos de vidro do IOC”, diz Maria da Conceição. Composto por 7.680 unidades, o conjunto, reconhecido pela Unesco como patrimônio da Humanidade, traz imagens da origem do IOC, em cenas



das atividades de produção de soros e vacinas, de pesquisa e ensino em medicina experimental. Também há registros das expedições de cientistas da instituição às regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste buscando conhecer melhor as condições de vida no interior do país.

O número de arquivos confiados à COC vem crescendo nos últimos anos. Em 2014, por exemplo, a instituição recebeu o acervo fotográfico do antropólogo americano Anthony Leeds. As imagens são um importante registro das favelas e bairros populares do Rio de Janeiro e de outras cidades na dé-

cada de 1960. “A chegada de novos acervos é uma demonstração da credibilidade e do renome que a Casa vem alcançando nessa área. Os detentores de acervos não querem que seu material fique esquecido em um canto. Eles querem que o acervo seja tratado, conhecido e divulgado. E é isso que fazemos aqui”, avalia Maria da Conceição.

O acervo sob a guarda da Casa tem sido procurado por pesquisadores, estudantes, jornalistas e editores de diversas partes do mundo, que atualmente precisam se deslocar ao Rio de Janeiro para realizar suas pesquisas. “Recente-

mente fomos contatados por uma publicação do Japão interessada em algumas fotos”, conta a chefe do DAD. A partir da implantação do Preservo, os interessados poderão ter acesso online a uma versão digital dos arquivos. Maria da Conceição observa que a digitalização faz com que o arquivo original seja menos manuseado, contribuindo para sua preservação. “Qualquer estratégia para poupar o original é fantástica. Com o Preservo, já que o usuário não precisará ter acesso ao original, esses documentos não serão desgastados”, diz.



Nesta e nas páginas anteriores, imagens de antigos equipamentos e objetos científicos, de comunidades do Rio de Janeiro e de pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz

Tesouros do acervo museológico

Haendel Gomes



Constituído por equipamentos de laboratório, máquinas e materiais utilizados na produção de medicamentos e vacinas, instrumentos médicos, móveis, trajes e objetos pessoais de cientistas e uma pinacoteca, o acervo museológico da Fiocruz conta mais de 2 mil itens. Esse conjunto será beneficiado pelo projeto Preservo: Complexo de Acervos da Fiocruz, com recursos do BNDES. A Reserva Técnica do Museu da Vida será adaptada e equipada a fim de assegurar a preservação e a difusão do patrimônio museológico das ciências e da saúde no Brasil, acumulados pela instituição em sua trajetória de 115 anos.

Com a iniciativa, a Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) moderniza a edificação conforme as normas técnicas mais recentes de segurança e gerenciamento ambiental. O projeto contempla a reformulação das áreas de trabalho e de serviços, aumentando o espaço e dando mais conforto aos usuários. Nas áreas de acervo são previstas intervenções para o seu adequado armazenamento, a segurança contra incêndio, intempéries e vandalismo, climatização e fluxo seguro e correto de peças e pessoas.

O Rio de Janeiro se destaca como território de significativo acervo científico. Abriga, entre outras instituições, a sede da Academia Nacional de Ciência, fundada em 1916, e a Academia Nacional de Medicina, criada no longínquo ano de 1829. Esta importância da cidade é representada por museus e centros de ciência, mas também por instituições de saúde, incluindo hospitais, cujas edificações e acervos foram inventariados pela COC na coleção de livros *História & Patrimônio da Saúde*.

Neste contexto histórico, a formação do patrimônio científico da Fiocruz surge na gestão do sanitarista Oswaldo Cruz, em plena época de transformação da capital federal. Ao assumir a direção do Instituto Soroterápico Federal, em 1902, o jovem médico reservou uma grande área para abrigar um museu científico. As coleções zoológicas e de anatomia patológica "órgãos, tecidos e fragmentos do corpo humano, utilizados pelos cientistas de Manguinhos em suas pesquisas" foram os primeiros componentes daquele museu, voltado inicialmente à comunidade científica.

Após sua morte, em 1917, uma

nova coleção é formada com objetos pessoais e de trabalho pertencentes a Oswaldo Cruz. Com o tempo, são incorporados objetos relacionados a outros cientistas de Manguinhos e ao trabalho desenvolvido na instituição, constituindo a primeira coleção histórica. Na década de 1970, inicia-se a sistematização da prática museológica na Fundação com a formação de equipes dedicadas a identificação, seleção, captação e documentação de antigos objetos que foram substituídos por equipamentos modernos.

Por intermédio de transferências, ocorridas entre as diferentes unidades técnico-científicas da Fiocruz e a Casa de Oswaldo Cruz, e de doações de terceiros, principalmente feitas por familiares de cientistas e médicos, o acervo museológico, classificado como de ciência e tecnologia em saúde, representa relevante parcela da memória e da história da saúde no país, além de se constituir em fonte de informação para a pesquisa histórica e instrumento auxiliar em processos de educação e divulgação científica destinados ao público em geral.

Coleções biológicas ganham investimento

Lucas Rocha

Nove coleções biológicas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) estão entre o patrimônio arquivístico, museológico e bibliográfico da Fiocruz contemplados pelo Preservo. De importância nacional e internacional, estas coleções incluem insetos, helmintos e peças histopatológicas relacionadas a casos de febre amarela. De acordo com a vice-diretora de Serviços de Referência e Coleções Biológicas do IOC, Eliane Veiga Costa, o investimento contribui para o contínuo trabalho de aperfeiçoamento na infraestrutura, organização e divulgação das milhões de amostras sob a guarda do Instituto. “Seguindo uma tendência internacional, três novos e modernos equipamentos nos permitirão acelerar a digitalização dos nossos acervos. Esse será um benefício para toda a Fiocruz e para instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do mundo”, destaca Eliane.

O projeto inclui as coleções Entomológica, Helmintológica, de Simuliídeos, de Triatomíneos, de Moluscos, de Ceratopogonidae, de Culicídeos, de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades, além da única coleção histopatológica da Fundação, a de Febre Amarela. Todas receberão melhorias estruturais e terão seus acervos digitalizados e disponibilizados para consulta e estudo online. “Ao mesmo tempo em que têm um aspecto histórico que precisa ser preservado, as coleções contribuem para o desenvolvimento de diversos estudos científicos. Um projeto que alia a conservação e a inovação, por meio de modernos equipamentos de infraestrutura, tende a garantir saltos de qualidade”, enfatiza o pesquisador Marcelo Pelajo, representante do IOC no projeto e curador da Coleção de



Foto: Ascom/IOC

Febre Amarela. Além do forte valor histórico, as coleções biológicas permanecem ativas, disponíveis para consulta com finalidade de ensino e pesquisa. Em geral, os espaços prestam serviço de empréstimo de espécimes, recebem depósitos de diversas instituições de ensino e pesquisa do mundo, e prestam apoio por meio de consultoria, cursos e treinamentos.

Avanços

A instalação de equipamentos de microscopia digital será uma das estratégias para ampliar o acesso ao conteúdo das coleções. O projeto contempla um scanner capaz de produzir imagens de alta resolução de preparados histológicos – lâminas de vidro que guardam fatias extremamente finas de tecidos, órgãos ou células, além de dois equipamentos capazes de criar imagens digitais tridimensionais de amostras de maior porte, como insetos e vermes. Inovadores, os equipamentos conseguem reproduzir exatamente a visão que o pesquisador tem ao analisar este material ao microscópio. Com isso, quando forem disponibilizadas online, cientistas e estudantes terão acesso a milhares de exemplares em qualquer lugar do mundo. O Preservo também vai garantir a produção de fotografias em 360° do acervo da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do IOC, que conta com exemplares de ilustres patologistas, como Gaspar Vianna e Emmanuel Dias.

Com o aporte recebido, serão instalados mobiliários deslizantes e climatizados que facilitam o manuseio e permitem a expansão dos acervos com novos depósitos. Além disso, dois novos freezers com capacidade para atingir até 86°C negativos atenderão os

exemplares mais sensíveis. O tradicional Castelo Mourisco da Fiocruz e diversos pavilhões situados no *campus* da Fundação, em Manguinhos, no Rio de Janeiro, que abrigam diferentes tipos de acervos, receberão um novo sistema de segurança para prevenção e combate a incêndios.

A riqueza das coleções

Os caminhos da história e da ciência se cruzam na trajetória das Coleções Biológicas do IOC. A mais antiga delas, a Entomológica, foi fundada ainda em 1901 pelo próprio Oswaldo Cruz. A composição do acervo, um verdadeiro registro da biodiversidade, conta com colaborações de pesquisadores renomados, como Carlos Chagas e Arthur Neiva. Também centenária, a Coleção Helmintológica, que reúne mais de 37 mil amostras provenientes dos cinco continentes, começou a ser formada a partir de coletas realizadas pelos célebres pesquisadores José Gomes de Faria e Lauro Pereira Travassos em trabalhos de campo realizados no final do século 19 e início do 20.

Na década de 1970, durante o regime militar, além de dez renomados cientistas vinculados ao IOC terem seus direitos políticos cassados, no episódio conhecido como Massacre de Manguinhos, a estrutura de algumas coleções, como a de Febre Amarela, foi afetada pela perda inestimável de parte de seu acervo. Apenas o material mantido em formol foi preservado. Como verdadeiros sobreviventes, ainda hoje, os acervos passam por transformações estruturais, visando suprir as deficiências herdadas desse acontecimento histórico.



Fotos: Ascom/IOC



Salto tecnológico

Novos equipamentos modernizam serviço de digitalização de obras raras

André Bezerra

A

importante missão de digitalizar e preservar obras raras, livros, periódicos e outros documentos de inestimável

valor simbólico guardados pela Fiocruz ganhou recentemente um reforço expressivo com o anúncio do projeto Preservo. O conjunto de iniciativas abre caminhos para mais tecnologia e investimentos nos setores envolvidos. Entre os contemplados está o serviço de Multimeios do Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict/Fiocruz), que por meio do Laboratório de Digitalização de Obras Raras (LabDigital) será responsável pela transposição para o formato digital de parte do acervo bibliográfico, em especial as obras raras.

O LabDigital se prepara para dar um grande salto tecnológico. Com os recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que a Fiocruz obteve a partir de edital de seleção pública, serão adquiridos equipamentos de ponta para a realização da tarefa. “A principal novidade será a aquisição de um novo *scanner* para digitalização de obras raras. É um equipamento importado, que tem regulagens específicas para não forçar as lombadas, protegendo a encadernação original da obra”, explica o coordenador do Multimeios, Mauro Campello.

Além do scanner, a unidade receberá novos computadores de alta performance, que possibilitarão o tratamento dos arquivos digitalizados para depois serem disponibilizados para o público. “O Multimeios já tem experiência e um laboratório estruturado e estamos na perspectiva de modernizá-lo. Esse equipamento vai possibilitar realizar o trabalho com mais eficiência, qualidade e segurança para as obras”, completa. Até o momento, o laboratório já digitalizou 380 obras e disponibiliza 39 delas na internet. Uma delas é a tese de doutoramento de Oswaldo Cruz, de 1892.

Acervo único

Firmado em dezembro, o contrato entre o BNDES prevê um apoio de R\$ 5 milhões para ações de preservação e difusão de acervos bibliográfico, arquivístico, museológico, arquitetônico e biológico. O Icict será responsável pela área bibliográfica, que incluirá títulos da Biblioteca de Ciências Biomédicas (Biblioteca de Manguinhos) e da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), especializada em história da medicina, da saúde pública, história, sociologia e filosofia da ciência.

“A Seção de Obras Raras A. Overmeer, da Biblioteca de Manguinhos, abriga um acervo que se estende do século 17 ao século 19 e conta com trabalhos em diversas áreas do conhecimento científico cujos destaques são os



Foto: Vinicius Marinho/Icict



Foto: Vinicius Marinho/cict

realizados nas ciências biológicas, na medicina e na história natural. Atualmente, este acervo, com cerca de 40 mil itens, é formado por livros, periódicos científicos, folhetos, dissertações e teses, bem como obras únicas da produção intelectual de pesquisadores renomados da história institucional”, afirma Mônica Garcia, responsável pela gestão de acervos bibliográficos da Biblioteca de Manguinhos.

Antes de chegarem ao laboratório, as obras passam por um cuidadoso processo de tratamento na biblioteca. “Os livros são higienizados e conferidos página a página, para garantir que estejam completos. Em caso de folhas soltas, rasgadas, dobradas ou amassadas as páginas são reparadas para que não haja perda de informação. Depois, voltam à seção de preservação para conferência e possíveis reparos ou danos que possam ter ocorrido com a digitalização”, detalha.

Excelência em preservação

Para Mauro Campello, o Preservo contribui para firmar o instituto como um dos centros de excelência na área de preservação e digitalização. “O projeto é importante porque traz reconhecimento. É a primeira vez que recebemos fomento externo para a atividade, o que também aumenta a responsabilidade e o desafio”, comenta. A equipe vem se

aperfeiçoando continuamente, tendo participado de capacitações em instituições como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e com profissionais da Biblioteca Brasileira, da Universidade de São Paulo (USP).

Outra vertente do projeto Preservo diz respeito à disponibilização das obras ao público. O Multimeios já está em fase de testes do Sistema de Gerenciamento de Base de Dados (SGBD), que promoverá o acesso, a integração, a manutenção e a segurança dos arquivos digitalizados. O trabalho começará pelos periódicos raros, que apresentam maior complexidade. Além disso, a Fiocruz está preparando o Plano de Preservação Digital (PPD), que será um documento de referência para todas as suas unidades, além de expor diretrizes e metodologias eficientes de digitalização e guarda de representantes digitais, termo técnico que designa a obra.

Em todo o mundo, há um grande esforço em fazer a transposição de livros e obras raras para o suporte digital, uma vez que sua guarda requer condições especiais de acondicionamento e controle de umidade e temperatura, além das restrições ao manuseio pelo público em geral. Na Fiocruz, uma das coleções mais buscadas é a *Brazil Médico*, revista semanal de medicina e cirurgia, datada de 1888. “Nosso objetivo é realmente ampliar o acesso e difundir o conteúdo das obras raras, e por meio das obras digitalizadas não há nenhuma restrição”, defende Campello.



Foto: Vinicius Marinho/cict